

**Pensamentos de umbandistas da Cidade do Rio de Janeiro sobre a pandemia da
COVID-19: interfaces entre religião, saúde e sociedade**
**Thoughts of Umbanda's Religionists in the City of Rio de Janeiro about the COVID-19
pandemic: interfaces between religion, health and society**
**Pensamientos de los umbandistas en la Ciudad de Río de Janeiro sobre la pandemia del
COVID-19: interfaces entre religión, salud y sociedad**

Recebido: 13/12/2020 | Revisado: 17/12/2020 | Aceito: 20/12/2020 | Publicado: 26/12/2020

Renê dos Santos Spezani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5347-6112>

Centro Universitário Augusto Motta, Brasil

E-mail: renespezani@gmail.com

Antonio Marcos Tosoli Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4235-9647>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: mtosoli@gmail.com

Juliana de Lima Brandão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1463-2829>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: julianabrandao20@yahoo.com.br

Livia Fajin de Mello dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5613-7976>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: liviafajin@gmail.com

Carla Cristina Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2415-0164>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: carlacrisgon@bol.com.br

Resumo

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19, caracterizada pelo alto número de infecções e óbitos pelo mundo e, como o nível de conhecimento acerca do vírus ainda é baixo, é compreensível que as pessoas construam hipóteses, compartilhem crenças e pensamentos na

sociedade, atravessados por várias áreas mediante as informações recebidas e difundidas. Neste sentido, a Umbanda no Brasil, com suas particularidades, cosmovisão e cosmogonia atuantes em situações de saúde e doença, demonstra saber próprio e capaz de orientar comportamentos e atitudes de seus fiéis através das crenças partilhadas, o que é relevante investigar. Para tanto, o objetivo deste estudo consiste em analisar o pensamento dos umbandistas da cidade do Rio de Janeiro sobre a pandemia da COVID-19 e sua influência quanto ao enfrentamento da doença. Assim, trata-se de pesquisa exploratória, realizada pelo *Google Forms*, com 100 participantes que moram no Rio de Janeiro, maioria mulheres, com idade média superior a 40 anos. Os resultados alcançados revelam que os participantes possuem crenças religiosas para compreender e explicar a pandemia da COVID-19 e a interação desta com a terra, os seres humanos, estágios de evolução do homem e do mundo em que habita, além de aspectos relativos à personificação do mal neste contexto. Contudo não atribuem à esfera da religião a solução exclusiva para o cenário atual, mas sim às descobertas científicas, as quais também norteiam suas práticas preventivas de saúde frente à pandemia e refutam as crenças de que o vírus foi criado em laboratório.

Palavras-chave: Pandemia; COVID-19; Umbanda; Crenças Religiosas; Saúde.

Abstract

2020 was marked by the COVID-19 pandemic, characterized by the high number of infections and deaths around the world and, as the knowledge about the virus is still low, it is comprehensible that people consider hypotheses, share beliefs and thoughts in the society, crossed by several areas through the information received and disseminated. In this regard, the Umbanda in Brazil, with its particularities, worldview and cosmogony operating in situations of health and illness, demonstrates its own knowledge and capable of guiding the behaviors and attitudes of its religionists through shared beliefs, which is relevant to investigate. So, the objective of this study is to analyze the thinking of Umbanda's religionists in the city of Rio de Janeiro about the pandemic of COVID-19 and its influence in the confrontation of the disease. In this way, this is an exploratory research, performed by Google Forms, with 100 attendees who live in Rio de Janeiro, mostly women, with an average age over 40 years. The results achieved reveal that the attendees have religious beliefs to understand and explain the COVID-19 pandemic and its interaction with the earth, human beings, stages of evolution of humans and the world in which they live, besides to aspects related to evil's personification in this context. However, they don't attribute to the religion, the exclusive solution for the current scenario, but rather to scientific discoveries, which also

guide their preventive health practices in relation to the pandemic and refute the beliefs that the virus was created in laboratory.

Keywords: Pandemic; COVID-19; Umbanda; Religious Beliefs; Health.

Resumen

El año 2020 estuvo marcado por la pandemia COVID-19, caracterizada por el alto número de infecciones y muertes en todo el mundo y, como el nivel de conocimiento sobre el virus aún es bajo, es comprensible que las personas construyan hipótesis, compartan creencias y pensamientos en el sociedad, atravesada por varios ámbitos a través de la información recibida y difundida. En este sentido, Umbanda en Brasil, con sus particularidades, cosmovisión y cosmogonía operando en situaciones de salud y enfermedad, demuestra un conocimiento propio y capaz de orientar los comportamientos y actitudes de sus fieles a través de creencias compartidas, lo cual es relevante para investigar. De esta forma, el objetivo de este estudio es analizar el pensamiento de los umbandistas de la ciudad de Río de Janeiro sobre la pandemia de COVID-19 y su influencia en el enfrentamiento de la enfermedad. Así, se trata de una investigación exploratoria, realizada por Google Forms, con 100 partícipes que viven en Río de Janeiro, en su mayoría mujeres, con una edad promedio superior a los 40 años. Los resultados alcanzados revelan que los partícipes tienen creencias religiosas para comprender y explicar la pandemia de COVID-19 y su interacción con la tierra, los seres humanos, las etapas de evolución del hombre y el mundo en que él vive, además de aspectos relacionados con la personificación de mal, en este contexto. Sin embargo, no atribuyen al ámbito de la religión, la solución exclusiva para el escenario actual, sino a los descubrimientos científicos, que también orientan sus prácticas de salud preventiva ante la pandemia y refutan las creencias de que el virus fue creado en el laboratorio.

Palabras clave: Pandemia; COVID-19; Umbanda; Creencias Religiosas; Salud.

1. Introdução

Muitas são as hipóteses que objetivam identificar uma origem para a COVID-19, contudo a mais difundida é que o surto da doença respiratória se iniciou em 2019 na China, em Wuhan, causado por um novo Coronavírus (COVID-19). Logo nos primeiros meses de 2020, a COVID-19 disseminou-se pelo mundo assumindo as características de uma pandemia e causando um elevado número de infecções e de óbitos (Brasil, 2020a). No Brasil, o primeiro caso confirmado ocorreu em 26 de fevereiro e, desde então, são alarmantes o

quantitativo de infectados, o elevado número de óbitos e as graves consequências nas mais diversas esferas que contracenam no cenário social (Brasil, 2020b).

Essa pandemia destaca-se pela rapidez de disseminação e dificuldades no controle da transmissão. Por isso, os países criaram estratégias para contenção do surto e da redução da letalidade (Brasil, 2020a). Em combate a essa forte ameaça, medidas como o isolamento social e a quarentena foram adotadas (Ribeiro, Souza, Nogueira & Eler, 2020).

Com o elevado número de recursos tecnológicos dispostos nas diferentes sociedades, o conhecimento da existência da pandemia, dos seus desdobramentos e também das medidas preconizadas pelas instituições competentes para a prevenção de sua disseminação se espalharam rapidamente pelos países. Grande parte desse resultado pode ser atribuída à globalização e à velocidade de divulgação e propagação de informações pela mídia impressa e digital, que se fazem cada vez mais presentes no cotidiano de vida das pessoas.

Já no século XVII, o filósofo e matemático René Descartes, na famosa frase “penso, logo existo”, colocava em evidência que na busca de discernimento entre a dúvida e a razão, os indivíduos ratificam a capacidade humana de racionalizar e de se posicionarem no mundo como seres pensantes. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que ante o vivido e o que se sabe sobre o assunto, os indivíduos se tornam capazes de refletir sobre e processar a realidade e, a partir da reunião das informações que dispõem contribuir tanto para a produção quanto para a partilha de novos conhecimentos, que gradativamente vão se tornando capazes de influenciar as suas crenças, atitudes, práticas e comportamentos (Jodelet, 2009).

Também é possível afirmar que as lacunas existentes quanto à origem, tratamento e manejo dessa doença, atreladas ao medo das pessoas se infectarem e aos períodos prolongados de isolamento, acabam afetando a saúde mental de muitas pessoas (Afonso, 2020). Diante de um cenário de incertezas vivenciado na contemporaneidade e do desconhecimento frente aos efeitos dessa pandemia, a possibilidade de conforto pode ser encontrada na religiosidade (Scorsolini-Comin, Rossato, Cunha, Correia-Zanini, & Pillon, 2020).

Observa-se ainda que, no Brasil, país demarcado por ampla variedade de religiões e religiosidades, insere-se a Umbanda, atraindo e agregando em seu universo um número expressivo e cada vez maior de seguidores (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Sua origem representa a miscigenação do povo brasileiro com povos africanos, sendo que destes, principalmente os Bantus, com nossos índios e com os escravos trazidos para o Brasil durante a colonização Europeia (Freitas & Pinto, 1958).

Por todas as suas características, a Umbanda é reconhecida como uma religião essencialmente brasileira, perpassando pela cultura do povo, integrando vertentes advindas de religiões de matrizes africanas, do catolicismo e do kardecismo (Cumino, 2011). Na Umbanda, espaços geográficos chamados de terreiros, templos ou centros são utilizados para o desenvolvimento de rituais que têm como principais fundamentos a humildade, a fraternidade e a caridade (Cumino, 2011).

Em relação ao campo da saúde, em especial, pode-se afirmar que a Umbanda se aproxima da promoção da saúde, à medida que propicia impactos nos adeptos, familiares e amigos, fortalecendo-os com a oferta de terapias, que repercutem com êxito com seu repertório simbólico e real nas diversas classes sociais, mesmo em locais onde boa parte da população brasileira tem acesso ao sistema de saúde oficial (Holanda & Mello, 2014).

Entendida como uma religião de todos e para todos (Freitas & Pinto, 1958), a Umbanda mostra-se capaz de provocar transformações e adaptações (sem perder sua essência ritualística), de acordo com as necessidades e possibilidades, desenvolvendo mecanismos sociais, psíquicos e religiosos, a fim de servir aos que dela necessitem, promovendo uma relação de bem-estar em inter-relação com o mundo. Constata-se ainda, que a Umbanda não perde sua perspectiva de inter-relação entre os dois mundos, espiritual e material, sempre pautados na coletividade e na boa relação do ser humano com ele mesmo e com o próximo (Silva, 1980).

Destarte, todo esse panorama ganha escopo na atualidade, onde se destaca que a política nacional tem colocado no centro das discussões o debate envolvendo as relações que se estabelecem entre o pensamento social e os ideários religiosos das mais diversas religiões existentes no Brasil (Bittencourt, 2017).

Assim, considerando-se que o estudo do pensamento de pessoas religiosas ou que professem um perfil de exercício espiritual é interessante para que se possa compreender o mecanismo racional em que se processa, justifica-se a realização deste estudo, por reconhecer a relevância do pensamento dos umbandistas acerca da pandemia da COVID-19, se há aproximações ou discordâncias entre as demais religiões e se enseja comportamentos específicos de enfrentamento.

Desta forma, uma vez que há no universo religioso umbandista muitos aspectos relativos ao enfrentamento do processo saúde e doença, é relevante indagar: o que pensam os umbandistas da cidade do Rio de Janeiro sobre a pandemia da COVID-19 e de que forma o pensamento deste grupo influencia comportamentos ou práticas de saúde em relação ao enfrentamento da doença? Para tanto, o objetivo deste estudo consiste em analisar o

pensamento dos umbandistas da cidade do Rio de Janeiro sobre a pandemia da COVID-19 e sua influência quanto ao enfrentamento da doença.

Sendo assim, espera-se que o estudo possa contribuir no âmbito do ensino e da pesquisa nas esferas da saúde, social e religiosa, ampliando a rede de conhecimentos até então existentes sobre o tema recente e impactante para o cotidiano de vida das pessoas. Esse conhecimento, em última instância, pode ser oportuno para nortear a construção de estratégias para o acolhimento, orientação e cuidado psicossocial aos umbandistas e possivelmente outros indivíduos enquanto a pandemia perdurar no cenário social.

2. Metodologia

Trata-se de pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, realizada em plataforma virtual (*Google Forms*). Assim sendo, para Gil (2017), as pesquisas exploratórias têm por finalidade proporcionar uma maior familiaridade com o fenômeno que está sendo investigado e explicitá-lo, favorecendo a compreensão de suas possíveis correlações.

Esse estudo vincula-se ao Projeto Religiosidade e Espiritualidade em Tempos de COVID-19: as implicações para a prevenção da pandemia e o cuidado em saúde, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Religares, da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ), assim como as pesquisas de Spezani, Gomes, Brandão, Santos e Gonçalves (2020, p. 6).

Buscando-se o atendimento de todas as exigências éticas preconizadas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, o estudo preliminarmente recebeu aprovação para o seu desenvolvimento pelo Comitê de Ética em Pesquisa, através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 31050020.0.0000528. Cumpre também destacar que foram observadas e contempladas as proposições normativas indicadas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Conselho Nacional de Saúde, 2012) e também da Resolução 510, publicada em 07 de abril de 2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de junho e julho de 2020, em meio à necessidade de cumprimento das orientações emitidas pela Organização Mundial de Saúde e autoridades brasileiras para a manutenção do distanciamento social, com vistas a redução da transmissão da COVID-19. Por essa razão, o recrutamento para participação no estudo transcorreu com o auxílio da Plataforma *Google Forms*.

Nesta plataforma, inicialmente foi elaborado um questionário para a coleta de dados e também um *link* para que os interessados em participar da pesquisa pudessem acessá-lo e fornecerem as respostas solicitadas.

Tal como apontado por Sue & Ritter (2012) acerca dos possíveis métodos que podem ser utilizados para obtenção de informações em pesquisas online, o convite para a participação na pesquisa ocorreu por intermédio da técnica Bola de Neve, que possibilitou a socialização do *link* criado nas redes sociais dos próprios pesquisadores e de alguns colaboradores. Dessa forma, quando os participantes acessavam o *link* em questão, imediatamente recebiam as informações acerca da pesquisa e tinham a possibilidade de manifestar o seu consentimento livre e esclarecido sobre aceitar ou não participar do estudo. Após essa tomada de decisão, aqueles que aceitaram participar da pesquisa foram conduzidos ao instrumento criado para a coleta de dados, constituído por um conjunto de perguntas distribuídas entre duas partes diferentes, com vistas a fomentar primeiramente a caracterização dos participantes e, posteriormente, à captação das informações relacionadas ao seu pensamento acerca da pandemia da COVID-19, sob um olhar religioso.

Cabe destacar que no questionário gerado pela Plataforma *Google Forms*, a etapa de caracterização dos participantes tornava-se possível por intermédio de respostas a perguntas abertas e fechadas. Para a etapa relativa ao desvelo do seu pensamento religioso frente à pandemia da COVID-19, optou-se por uma seqüência mista de perguntas fechadas, entre as quais, em alguns momentos, os participantes eram solicitados a fornecerem informações capazes de manifestar o seu grau de discordância ou concordância sobre um conjunto de enunciados, nos moldes da Escala de Likert.

Como referem Pereira, Ferreira & Valentini (2018), esse tipo de escala é bastante utilizado em pesquisas sociais envolvendo entrevistas ou questionários, nos quais, para cada questão são feitas perguntas e afirmações e os entrevistados têm a possibilidade de escolher um número de 1 a 5 relacionado com seu grau de concordância ou de discordância em relação ao que estiver sendo argüido. Nesse caso, quando o participante escolhe o número 1 como resposta, ele demonstra sua discordância completa e, por sua vez, quando escolhe o número 5 como resposta, este demonstra sua concordância máxima com o que está sendo posto em evidência. A escolha dos números 2, 3 e 4 representa as situações intermediárias. Desta maneira, salienta-se que, para as questões que envolviam essa dinâmica, o grau de concordância e discordância com as perguntas e sua respectiva pontuação correspondente variou da seguinte forma: discorda muito, com intensidade (1), simplesmente não concorda (2), não sabe dizer (3), simplesmente concorda (4) e concorda muito, com intensidade (5).

Após o encerramento da coleta de dados, foi gerado e exportado o relatório da Plataforma *Google Forms* por meio do *Software Excel®*, o qual permitiu que as informações obtidas fossem organizadas e tratadas em forma de planilhas.

Quanto ao tratamento e à análise dos dados referentes à caracterização dos participantes do estudo e das informações relativas a seu pensamento religioso acerca da pandemia de COVID-19, ocorreram em consonância com a utilização de técnicas estatísticas simples, que correspondem a uma dentre as opções preconizadas em pesquisas que envolvem a Escala de Likert (Pereira, Ferreira & Valentini, 2018), considerando-se suas respectivas frequências absolutas e relativas.

3. Resultados e Discussão

Dentre 100 participantes do estudo, verificou-se a predominância do gênero feminino (66%). A média de idade foi de 43,68 anos ($\pm 11,3$), variando de 20 a 65 anos. Em relação ao município de residência, todos referiram residir no Rio de Janeiro/RJ, sendo que um deles informou possuir moradia em municípios diferentes (Rio de Janeiro e São Paulo). Esse resultado é importante no contexto estudado, à medida que há na literatura o endosso de que “a umbanda é uma religião que contém, em seu cerne, simbolismos amplamente compartilhados pelos cariocas” (Cruz & Arruda, 2014, p.100).

Com relação às medidas de isolamento social, 96 (96%) consideravam-nas importantes, dois (2%) responderam que não e outros dois (2%) responderam talvez. No que se reporta ao cumprimento das medidas preconizadas para o enfrentamento da pandemia da COVID-19, onde era possível assinalar mais de uma alternativa no instrumento de coleta de dados, a principal medida apontada foi a utilização de máscaras de proteção individual por todos os participantes (100%).

Dentre as outras medidas identificadas, 99 (99%) também mantinham preocupação constante com a higienização das mãos, 96 (96%) utilizavam álcool em gel, 87 (87%) indicaram a higiene corporal, 82 (82%) a higienização do ambiente doméstico, 66 (66%) a quarentena e 56 (56%) também indicaram a prática do isolamento social. Uma vez resguardadas as possíveis dificuldades existentes para a implementação de todas as práticas em questão, percebe-se assim que os cuidados adotados pela maioria absoluta dos participantes do estudo estão em consonância com as orientações amplamente apontadas pelas entidades e instituições de saúde na atualidade como necessárias para a prevenção da pandemia.

Os resultados encontrados referentes ao pensamento religioso dos umbandistas que participaram do estudo acerca da pandemia da COVID-19 encontram-se descritos no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Frequência de respostas sobre o pensamento religioso dos umbandistas acerca da pandemia da COVID-19. Rio de Janeiro, 2020.

Perguntas	Frequência de respostas				
	1	2	3	4	5
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 já estava prevista em algum livro/história sagrada, como a Bíblia e os itãs, por exemplo?	20	8	20	23	29
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 significa a passagem da Terra de um lugar de provas e expiações para um de regeneração?	10	5	12	21	52
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 é uma possibilidade de impor limites aos erros frequentes cometidos por homens e mulheres do mundo atual?	3	3	15	26	53
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 é um castigo divino?	59	20	12	2	7
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 é uma resposta da Terra às agressões ecológicas realizadas pelos homens e mulheres?	8	5	14	29	44
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 é uma ação do Diabo na Terra?	84	12	3	1	0
Na sua opinião, a pandemia da COVID-19 foi criada em laboratório?	55	27	17	1	0

Fonte: Autores (2020).

Destaca-se que as vivências em meio à emergência global de saúde pública provocada atualmente pela COVID-19 tornam razoável e compreensível a emergência de questionamentos acerca das origens da pandemia, uma vez que uma compreensão mais detalhada sobre o fenômeno pode contribuir para a proposição de medidas que causem impacto sobre a cadeia fisiopatológica do agente causal (Andersen, Rambaut, Lipkin, Holmes & Garry, 2020).

Nesse contexto, quando foram questionados sobre a possibilidade da pandemia da COVID-19 ter sido prevista em algum livro/história sagrada, como a Bíblia e os Itãs, por exemplo, 52 (52%) dos participantes concordaram, 28 (28%) discordaram e 20 (20%) não souberam dizer.

Pode-se afirmar que o cenário atual, ainda que com desigualdades, põe em evidência um panorama de enorme democratização da informação, com expressividade maciça da mídia jornalística e dos canais oficiais disponíveis para a divulgação científica, mas também dos próprios usuários, que curtem e compartilham as mais distintas informações através de suas próprias redes sociais com públicos diversificados (Gomes, Penna & Arroio, 2020). Sabe-se ainda, que as emoções e as crenças pessoais têm grande impacto na formação da percepção que o indivíduo tem do mundo à sua volta, todavia, a percepção pode estar ou não alinhada aos fatos (Gomes, Penna & Arroio, 2020).

Embora não se possa afirmar, cumpre ressaltar que a construção desse pensamento pode ter sido influenciada por uma descarga de *fake news* lançadas nas redes sociais por alguns líderes religiosos, ao fazerem menção à pandemia da COVID-19 como uma praga apocalíptica prevista na bíblia (Machado, 2020).

De acordo com Rocha (2020, p. 1) “*Fake News* (notícias falsas) consistem na disseminação deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio e, especialmente, Internet (Sites e redes sociais)”. Geralmente, a intenção destas notícias, como aponta o autor, é de “[...] enganar ou ludibriar, muitas vezes com manchetes sensacionalistas, exageradas ou evidentemente falsas”. Sobre a questão, destaca-se que informações dessa natureza têm potencial para circular com até 70% mais chances de viralizar do que as notícias verdadeiras (Vosoughi, Roy & Aralet, 2018). O aplicativo de mensagens *Whatsapp* e as redes sociais *Facebook* e *Instagram* têm sido apontados como os principais recursos utilizados para a disseminação, em rápida escala das *fake news* (Galhardi, Freire, Minayo & Fagundes, 2020).

No que se reporta ao campo da saúde, observa-se que este há muito tempo tem sido amplamente apontado como um terreno fértil para a erudição de boatos e rápida disseminação de notícias. Todavia, apesar de a disseminação de informações falsas e da cultura da desinformação nessa esfera não ser uma novidade, vale destacar que este é o primeiro

momento em que a humanidade se depara com uma doença em caráter pandêmico na era digital (Galhardi, Freire, Minayo & Fagundes, 2020). Sobremaneira, este fato é preocupante, pois como referem Gomes, Penna e Arroio (2020, p.1), existe uma linha tênue separando os fatos da ficção que “está cada vez mais dissimulada, criando realidades paralelas que turvam a visão da sociedade”.

Dessa forma, como as emoções e as crenças pessoais podem impactar de maneira decisiva na formação da percepção que os indivíduos possuem sobre o mundo que está à sua volta (Gomes, Penna & Arroio, 2020), a desinformação proporcionada pelo excesso de notícias falsas ou *Fake News* pode repercutir socialmente de maneira negativa, influenciando perniciosamente uma grande parcela da população, configurando-se, assim, como prática que deve ser bravamente repreendida diante de um contexto tão dramático como o que se apresenta hoje com a pandemia da COVID-19 (Rocha, 2020, p.1). Um dos problemas apontados na literatura envolvendo a disseminação de *fake news* relacionadas à COVID-19 é a possibilidade de atribuição de descrédito para com a ciência e as instituições globais de saúde que, em última instância, pode ampliar o medo, o desempenho de charlatanes, a não adesão às práticas recomendadas para conter o avanço da doença, o aumento do número de infecções e de mortes (Galhardi, Freire, Minayo, & Fagundes, 2020).

Refletindo sobre essa questão, recomenda-se que seja ampliada a oferta de informações seguras e adequadas sobre a pandemia para toda a população, de modo geral. Por outro lado, sugere-se, em contrapartida, que também pode ser oportuno confiar na ciência e acreditar que Deus comandará os cientistas na investigação da cura para a COVID-19, que assim como em outras pandemias presentes na história, também terá sua cura descoberta (Machado, 2020).

Entende-se, neste sentido, que a prática religiosa umbandista tem sido reconhecida como importante para o equilíbrio psicossocial e para a saúde mental dos seus praticantes (Matalon, 2013). De fato, a visão religiosa sobre a pandemia possui grande importância, dada a sua capacidade de influenciar práticas e comportamentos que podem ou não prejudicar o enfrentamento da COVID-19 pelos indivíduos. A exemplo, não se pode conceber a ideia de líderes religiosos difundindo as crenças de que este é o momento do suposto apocalipse, pelo simples fato de que isto poderia engendrar surtos psicológicos alimentados pelo medo e que, de certa forma, tornaria ainda mais difícil responder às demandas trazidas pela pandemia. No entanto, pelo que se pode perceber a partir do que foi exposto pela maioria dos participantes, a crença na hipótese de a pandemia ter sido prevista em algum texto sagrado está sendo considerada, permeando seu imaginário.

Sobre a possibilidade da pandemia da COVID-19 significar a passagem da Terra de um lugar de provas e expiações para um processo de regeneração 73 (73%) concordaram com essa possibilidade, 15 (15%) discordaram e 12 (12%) não souberam responder. Chama a atenção o fato de 52% dos participantes concordarem de forma muito intensa com essa suposição. Esse resultado encontra respaldo nas concepções de Bortoleto (2020) que, refletindo à luz da doutrina espírita, alude a uma possível pluralidade de mundos e a uma multiplicidade de vidas, coadunando a ideia de que os acontecimentos catastróficos podem estar correlacionados a uma etapa para a evolução e transição planetária e representar, assim, igualmente uma possibilidade para o progresso. Para essa autora, ao tomar como referência as proposições do palestrante e médium Divaldo Franco e as informações existentes no livro A Gênese, de Allan Kardec, o momento atual pode significar a possibilidade de mudança de um mundo de provas para um de regeneração, em que a dor não encontrará espaço frente à evolução dos seres humanos.

Como se pode verificar, as crenças da maioria dos participantes sobre o progresso humano não se limitam somente à figura do homem, pois se compreende que o contexto se estende ao planeta/mundo em que se vive e que, por sua vez, possui as características específicas necessárias para a vida de quem o habita. Contudo, depreendem-se a partir dessa constatação, que há uma determinada relação e conseqüentemente, ações de causa e efeito pela interação do ser humano com a terra e que é mediante a isso que se pode medir a qualidade da sua existência.

No que se reporta à probabilidade da pandemia da COVID-19 configurar uma oportunidade para reflexão e imposição de limites aos erros frequentes cometidos por homens e mulheres do mundo atual, 79 (79 %) concordaram, 6 (6%) discordaram e 15 (15%) não souberam dizer. Nesse contexto, verifica-se que a maioria absoluta (53%) concordava com ampla intensidade. Tal perspectiva pode ser observada através da visão de Bortoleto (2020), que reflete sobre as necessidades de mudanças no comportamento humano, principalmente no contexto da ética e da moral, com vistas a um mundo com mais empatia, solidariedade, amor ao próximo e com menor tendência a desvios de caráter.

De certa maneira, este é um cenário que permite a reflexão, pelo menos para a maioria dos participantes, sobre a desaceleração do modo de vida com o qual muitas pessoas no mundo estão vivendo, invertendo valores e almejando cada dia mais os bens materiais, acúmulo de riquezas e relações superficiais, em detrimento de uma vida com paz, tranquilidade e consciência sobre o que realmente importa no tempo presente. O isolamento teve participação neste panorama por fazer com que as pessoas se recolhessem em sua

moradia, modificando seus hábitos, alterando sua convivência com os demais, suscitando novas perspectivas e reflexões acerca do que realmente possui valor para si no dia a dia.

Considerando-se uma possível concepção da pandemia da COVID-19 enquanto um castigo divino que recai sobre o planeta, 51 participantes (51%) responderam que discordavam intensamente, 20 (20%) simplesmente não concordavam, 12 (12%) não souberam responder e apenas 9 (9%) concordavam. Tal como apontado por Villas Boas (2016), o pensamento da maioria dos participantes encontra-se em consonância com a crítica existente na modernidade às teodiceias que promovem o anestesiamiento social e a perda da consciência e da responsabilidade dos indivíduos ao ponto de não saberem mais lidar com o sofrimento e de acreditarem que todas as doenças têm origem em Deus.

Neste sentido e com o intuito de contextualizar algumas perspectivas de representantes de outras religiões, Chagas (2020) aponta a crença religiosa difundida pelo pastor conservador Perry Stone, de uma igreja em Cleveland, no Tennessee (EUA), de que a origem desta situação em escala global se deve a uma reação punitiva divina a comportamentos comunitários e individuais pecaminosos, como o estabelecimento de relações homossexuais e a realização de abortos, bem como a sua legalização em diferentes partes do mundo. Modino (2020), por sua vez, aponta que várias teorias explicativas são explanadas envolvendo contexto atual, como a criação do vírus em laboratório em consequência de manipulação genética imprudente ou castigo divino. É sabido que não se pode generalizar o comportamento de um para todo um grupo, no entanto, percebe-se que as crenças da maioria dos participantes se apresentam na contramão do que é pregado pelo referido pastor, afastando-se da ideia existencial de um Deus punitivo, segregador, preconceituoso e intolerante.

Em atenção ao questionamento sobre a pandemia da COVID-19 ser uma resposta da Terra às agressões ecológicas realizadas pela humanidade, 13 (13%) dentre os participantes alegaram discordar, 14 (14%) não souberam relatar e 73 (73%) concordaram de alguma forma com essa suposição. Diante desse resultado, as concepções de Fary (2020) sobre Gaia (personificação do planeta Terra como uma figura feminina e grandiosa) são oportunas para subsidiar o debate em tela, ao se reportar à consciência dos povos aborígenes, indígenas e anteriores ao processo de colonização ao aprenderem a viver e conviver com os vírus, momento em que acrescenta a perspectiva de uma liderança indígena, na figura de Ailton Krenak, que por sua vez, critica a forma como os seres humanos interagem com a Terra, sem limites e sem respeito aos recursos naturais. Logo, sua interpretação é de que a Terra é um

organismo vivo que reage à forma como a tratam e que, neste momento, sua resposta para frear os excessos da humanidade é a COVID-19.

As religiões são capazes de desempenhar funções sociais importantes, dentre as quais pode ser destacada a contribuição para a formação informal de um código próprio da ética que versará e poderá refletir de maneira decisiva sobre as condutas de seus adeptos ou conversos (Câmara Monte, 2013). De certo modo, a visão diferenciada da maioria dos participantes, sobre a forma como a terra se comporta mediante seus estímulos, positivos ou negativos, não surpreende. Como pode ser observado em Cruz e Arruda (2014, p. 102), por ser considerada uma “religião múltipla e plástica, a umbanda é fruto de um constante processo de mescla de crenças, imagens, tipificações e influências religiosas”. O umbandista é, desse modo, alguém que valoriza os diferentes espaços que conformam o território brasileiro, como os rios, os mares, a floresta, o sertão, as cidades, sendo comuns em seus rituais a apologia aos representantes desses respectivos espaços, os quais se personificam na figura de sereias, ciganos, índios, marinheiros, boiadeiros, vaqueiros, cangaceiros e malandros durante os momentos de incorporação mediúnic (Cruz & Arruda, 2014). Em parte, essa inferência tece relações com o olhar que os umbandistas possuem sobre a terra sob o significado do sagrado, o que pode ser evidenciado, por exemplo, através do culto a todas essas entidades, do trato com as ervas, o uso da terra e das plantas medicinais, bem como o zelo pela natureza e a utilização de seus recursos para a promoção da cura e bem-estar.

Questionados acerca de uma possível associação da pandemia a alguma influência ativa do Diabo na Terra, nota-se que a figura mítica (Villas Boas, 2016), representada pelo Diabo, e suas possíveis interferências sobre a situação indesejada vivida por todo o planeta, é refutada à medida que 84 (84%) responderam que discordavam muito, com ampla intensidade, 12 (12%) simplesmente não concordavam, três (3%) não souberam dizer e apenas um (1%) simplesmente concordou. A explicação para isto reside na não representação do diabo na cosmovisão e na cosmogonia umbandistas, ou seja, percebe-se que a umbanda não trabalha com o entendimento de que existe o mal personificado na figura diabólica. Uma vez que a Umbanda e o universo de formação cultural em que está inserida ainda são alvo de apontamentos pejorativos e discriminatórios, este é, portanto, um contexto que merece ser destacado e que precisa ser modificado (Dorneles & Santos, 2020).

No que tange à uma factível origem laboratorial da pandemia, 37 (37%) responderam que discordavam muito que isso fosse real, ao passo que 18 (18%) simplesmente não concordavam, 27 (27%) não souberam dizer, 17 (17%) concordavam em algum grau e apenas um (1%) não respondeu. Sobre esse dado, cumpre salientar que esta foi uma crença

amplamente defendida por alguns e que encontra solo fértil no senso comum pela divulgação de notícias, como as referidas por Rincon (2020), ao explorar o papel dos Estados Unidos terem afirmado que, desde 2018, seus órgãos de inteligência sinalizavam preocupações com relação à biossegurança de um laboratório em Wuhan, na China, onde a pandemia teve início. Rincon (2020) ainda acrescenta que, apesar destas informações, o Escritório da Direção de Inteligência Nacional dos EUA emitiu nota afirmando concordar com a comunidade acadêmica e científica quando afirmou que a COVID-19 não se originou de laboratório ou de manipulação humana, mas de qualquer forma, segue investigando sua origem. Em outro estudo recentemente publicado, as análises de Andersen et al. (2020) também refutam cientificamente essa hipótese, demonstrando claramente a existência de evidências de que o SARS-CoV-2 não é um resultado de uma produção laboratorial ou um vírus cuja construção foi propositalmente manipulada.

Depreende-se assim que as suspeitas e as crenças sobre a provável origem da pandemia existem e estão sob foco de pesquisas, contudo de maneira sóbria e racional para que injustiças não sejam cometidas e conduzam à rotulação, preconceito e segregação de países e povos, como por exemplo, a China, que precisa conviver com a realidade de que foi, supostamente, o nascedouro do vírus e epicentro da pandemia.

Embora a religiosidade tenha sido um dos critérios para a participação no estudo, 91 (91%) acreditavam que a principal solução da pandemia depende das descobertas científicas e apenas nove (9%) afirmaram que dependia das orações/preces/religiões. Sobre o olhar dos pesquisadores e tomando-se por base os objetivos dessa pesquisa, esse dado é extremamente relevante, pois demonstra haver entre a maioria absoluta dos participantes do estudo uma “esperança lúcida” (Villas Boas, 2016), denotando que, além da fé, há também a valorização da ciência e dos saberes que emergem no universo reificado enquanto constructo que não pode ser negligenciado e ao mesmo tempo indispensável para a cura social. Nesse caso, a sinceridade da fé e a eficiência acadêmica não são compreendidas como antagônicas ou combatentes, e sim como parceiras e colaborativas diante do valor comum da saúde (Villas Boas, 2016).

Cumprido destacar que o fato de a maioria absoluta dos participantes acreditarem numa possível resposta da ciência para a cura da COVID-19 demonstra respeito e cautela perante a realidade em que todos estamos inseridos. Embora o ritmo de descobertas não esteja tão acelerado como o pretendido ou possivelmente esperado, não se pode negar que a ciência e o conhecimento por ela produzidos são capazes de mudar vidas, ao passo que as crenças religiosas também podem direcionar comportamentos e práticas, o que sinaliza a necessidade

de equilíbrio e ponderação nas escolhas e decisões. Este resultado coaduna com o que é apontado no estudo de Spezani et al. (2020) ao identificar que as representações da COVID-19 para os umbandistas na cidade do Rio de Janeiro não se expressam em torno de um contexto mágico, muito menos a partir de hipóteses explicativas e soluções originadas pela via exclusiva do sagrado ou na dimensão do transcendente.

4. Considerações Finais

O pensamento dos umbandistas que participaram da realização desse estudo na cidade do Rio de Janeiro revela algumas de suas crenças e inferências frente à pandemia do novo coronavírus e diante do cenário com o qual se deparam no momento atual. Verifica-se que pouco mais da metade do grupo estudado acredita que a pandemia foi prevista em textos sagrados e que não teve origem em laboratório. A maioria acredita que o planeta terra está passando de um lugar de provas e expiações para um processo de regeneração; que a pandemia configura uma oportunidade para reflexão e imposição de limites aos erros frequentes cometidos por homens e mulheres do mundo atual; que não significa punição ou castigo divino; e que é uma resposta da Terra às agressões ecológicas realizadas pela humanidade. Além disso, a maioria absoluta não acredita que a pandemia seja a influência do diabo na terra e, por outro lado, acredita que a solução para a pandemia está nas descobertas científicas.

Desta forma, os umbandistas demonstraram conhecimento e adesão às estratégias coletivas e individuais de prevenção à COVID-19 que corroboram com as orientações fornecidas pela ciência, como também o exercício de crenças religiosas sobre a pandemia próprias de sua cosmovisão e cosmogonia, características dos sincretismos que caracterizam a umbanda em sua constituição e identidade.

Como reflexo do dinamismo estabelecido entre o mundo real e o imaginário, esse pensamento emerge no universo dinâmico de suas inter-relações cotidianas, onde o que se ouve, lê ou escuta contracena com a realidade instituída, adquire ou não importância, corporifica-se na memória, circula e passa simultaneamente a influenciar a si e aos outros no que se reporta à promoção de atitudes, práticas e comportamentos. Essa condição, sobremaneira, ratifica a inscrição ativa dos participantes no mundo em que se inserem, conformando a tradução da realidade a partir de seus cenários de referência, onde também estão implícitas suas experiências religiosas.

Ainda que existam lacunas para explicar alguns fenômenos através de esforços envolvendo a ciência e a religiosidade, esse estudo mostra-se relevante para a compreensão do que está sendo vivido pelo grupo estudado no momento atual, à medida que seus resultados traduzem evidências que integram um constructo instituído e atualizado no tempo presente sobre um dos piores momentos presenciados pela existência humana.

Com vistas ao estabelecimento e consolidação de um corpo mais consistente de argumentos e conhecimentos envolvendo a temática, sugere-se a realização de novos estudos contemplando a participação de umbandistas de outras cidades e regiões do país.

Referências

Afonso, P. (2020). The Impact of the COVID-19 Pandemic on Mental Health. *Acta Médica Portuguesa*, 33(5), 356-357. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.20344/amp.13877>

Andersen, K. G., Rambaut, A., Lipkin, W. I., Holmes, E. C., & Garry, R. F.W. (2020). A origem proximal do SARS-CoV-2. *Nat Med*, 26, 450–452. Recuperado de <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>

Bittencourt, A. B. (2017). A era das congregações - pensamento social, educação e catolicismo. *Pro-posições*, 28(3), 29-59. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0117>

Bortoleto, G. (2020, Março 22). A dor que ensina: acontecimentos recentes podem trazer mudanças em prol do respeito e da ética. *Diário da Região*. Recuperado em 09 outubro 2020 de https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2020/03/vida_e_estilo/espiritualidade/1188182-a-dor-que-ensina.html

Brasil. (2020a). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Especial nº34. Doença pelo Coronavírus COVID-19. Semana epidemiológica 40 (27/09/2020 a 03/10/2020). Recuperado de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/October/08/Boletim-epidemiologico-COVID-34.pdf>

Brasil. (2020b). Ministério da Saúde. Primeiro caso de COVID-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro. Recuperado de <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/primeiro-caso-de-COVID-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>

Câmara Monte, T. M. C. (2013). A religião e sua função social. *Revista Inter-Legere*, (5). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4619>

Chagas, T. (2020, Março 28). Pastor diz que coronavírus é castigo pela aprovação do casamento gay e aborto. Gospel mais. Recuperado de <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-coronavirus-castigo-aprovacao-casamento-gay-131943.html>

Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Cruz, A. C. D. & Arruda, A. (2014). O povo de rua em terreiros de umbanda da cidade do Rio de Janeiro. *Memorandum*, 27, 100-126. Recuperado de seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6373

Cumino, A. (2011). *A História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 400p.

Dorneles, D. R. & Santos, L. H. S. (2020). Religiosidade afro-brasileira e contendas raciais: os mecanismos racializados que acometem negros e rituais afro-religiosos. In: Isaia, A. C., Alves, C. R. C., Elesbão, G. O., Lucas, G., Ferreira, G. A., Oliveira, K. S. & Scheffer, J. V. (Orgs.). *História, cultura e religiosidades afro-brasileiras* (volume 3). Canoas: Ed.

Unilasalle. Recuperado de <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/books/issue/download/289/15>

Fary, B. (2020, Abril 28). COVID-19 no tempo das catástrofes: uma resposta de Gaia? Catarinas: jornalismo com uma perspectiva de gênero. Recuperado de <https://catarinas.info/COVID-19-no-tempo-das-catastrofes-uma-resposta-de-gaia/>

Freitas, B. T. & Pinto, T. S. (1958). *Doutrina e Ritual de Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 184p.

Galhardi, C. P., Freire, N. P., Minayo, M. C. S., & Fagundes, M. C. M. (2020). Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente a pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl.2), 4201-4210. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>

Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6A ed.), São Paulo: Atlas, 192p.

Gomes, S. F., Penna, J. C. B. O. & Arroio, A. (2020). Fake News científicas: percepção, persuasão e letramento. *Ciência & Educação*, 26, e20018. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1516-731320200018>

Holanda, V. M. S. & Mello, M. L. (2014). A relação entre saúde e cultura nas práticas terapêuticas da Umbanda em Fortaleza - CE e no Rio de Janeiro - RJ. *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Recuperado de http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401885503_ARQUIVO_TextoREA2014.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Recuperado de ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf

Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Socestado*, 24(3), 679-712. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922009000300004>

Machado, D. (2020, Maio 16). As profecias apocalípticas e os delírios de fanáticos sobre a COVID-19. *Diário do Rio.com: o jornal 100% carioca*. Recuperado de <https://diariodorio.com/dauro-machado-as-profecias-apocalipticas-e-os-delirios-de-fanaticos-sobre-a-COVID-19/>

Matalon, C. E. (2014). *A jornada da alma na dança dos caboclos: os símbolos da transformação na umbanda numa perspectiva interdisciplinar*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Sociedade: Diálogos Interdisciplinares pela Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. Recuperado de <http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/1549>

Modino, L. M. (2020, Março 28). A fé em Deus diante do coronavírus. Deus não castiga ou testa ninguém: respeita, mostra solidariedade, ajuda... Instituto Humanitas/ADITAL. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597554-a-fe-em-deus-diante-do-coronavirus-deus-nao-castiga-ou-testa-ninguem-respeita-mostra-solidariedade-ajuda>

Pereira, M. M., Ferreira, M. C., & Valentini, F. (2018). Evidências de Validade da Escala de Paixão pelo Trabalho em Amostras Brasileiras. *Psico-USF*, 23(1), 151-162. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230113>

Ribeiro, E. G., Souza, E. L., Nogueira, J. O., & Eler, R. (2020). Saúde Mental na Perspectiva do Enfrentamento à COVID -19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento Social. *Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva*, 4(2), 47-57. Recuperado de <https://revesc.org/index.php/revesc/article/download/59/68>

Rincon, P. (2020, Maio 1º). Coronavírus: há alguma evidência de que o sars-cov-2 tenha sido criado em laboratório? *BBC News Brasil*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52506223>

Rocha, M. (2020). O poder da desinformação: Fake News, desonestidade intelectual e pós-verdade. *Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Mato Grosso do Sul*. Recuperado de

<http://oabms.org.br/artigo-o-poder-da-desinformacao-fake-news-desonestidade-intelectual-e-pos-verdade-marco-rocha/>

Scorsolini-Comin, F., Rossato, L., Cunha, V. F., Correia-Zanini, M. R. G., & Pillon, S. C. (2020). A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 10, e3723. Recuperado de DOI:10.19175/recom.v10i0.3723

Silva, O. J. (1980). *Culto Omolokô: os filhos do terreiro*. Rio de Janeiro: Rabaço Editora, 160p.

Spezani, R. S., Gomes, A. M. T., Brandão, J. L., Santos, L. F. M., & Gonçalves, C. C. (2020). Análise estrutural das representações da COVID-19 entre fiéis da Umbanda na Cidade do Rio de Janeiro. *Research, Society and Development*, 9(11), e46991110014. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10014>

Sue, V. M. & Ritter, L. A. (2012). *Conducting online surveys*. Thousand Oaks (CA): SAGE Publications, Inc. <https://dx.doi.org/10.4135/9781506335186>

Villas Boas, A. (2016). Em busca de uma teologia pública da saúde. *Horizonte*, 14(41), 89-121. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n41p89>

Vosoughi, S., Roy, D., & Aralet, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146-1151. doi: 10.1126/science.aap9559

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Renê dos Santos Spezani – 30%

Antonio Marcos Tosoli Gomes – 20%

Juliana de Lima Brandão – 20%

Livia Fajin de Mello dos Santos – 15%

Carla Cristina Gonçalves – 15%